

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1846 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 2º de agosto de 1924, aos 67 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1869, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dote de memória que possuía. Foi Juiz de Direito em Ceará (1882/1889), depois Juiz Federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que reside no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual) e debruçou-se ao magistério, no curso de Direito da Escola Livre e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1914, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Contos*, 1890; *Contos de um velho*, com José de Alencar, 1891; *Contos de um velho*, 1892; *Contos de um velho*, 1893; *Contos de um velho*, 1894; *Contos de um velho*, 1895; *Contos de um velho*, 1896; *Contos de um velho*, 1897; *Contos de um velho*, 1898; *Contos de um velho*, 1899; *Contos de um velho*, 1900; *Contos de um velho*, 1901; *Contos de um velho*, 1902; *Contos de um velho*, 1903; *Contos de um velho*, 1904; *Contos de um velho*, 1905; *Contos de um velho*, 1906; *Contos de um velho*, 1907; *Contos de um velho*, 1908; *Contos de um velho*, 1909; *Contos de um velho*, 1910; *Contos de um velho*, 1911; *Contos de um velho*, 1912; *Contos de um velho*, 1913; *Contos de um velho*, 1914; *Contos de um velho*, 1915; *Contos de um velho*, 1916; *Contos de um velho*, 1917; *Contos de um velho*, 1918; *Contos de um velho*, 1919; *Contos de um velho*, 1920; *Contos de um velho*, 1921; *Contos de um velho*, 1922; *Contos de um velho*, 1923; *Contos de um velho*, 1924.

# ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1894 a 1900. Teve ainda outros trabalhos publicados em jornais e revistas, além de ser autor de vários livros. Foi eleito presidente do Conselho de 1920, cargo que desempenhou até a morte. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos seus discípulos, criou o quadro acadêmico, ocasião em que se reuniu a Academia Cearense de Letras.

## A REDENÇÃO DO ACAPIQUE

*LEONARDO MELO*  
1900

Vence a Fúria e o Desejo,  
Que se iluminam de luz;  
Das cinzas do Proconceito  
Recupera novos deuses,  
Tranqüiliza o fim a verdade,  
Magnifico a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Féria é Glória condida.

O céu se vestiu de estrelas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna dos raios.



## ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Artur Eduardo Benevides nasceu no dia 25 de julho de 1923 em Pacatuba, Ceará. Bacharel em Direito e em Letras, exerceu por muitos anos a função de procurador da Legião Brasileira de Assistência. Foi professor e diretor da antiga Faculdade Católica de Filosofia (de onde saíria a UECE), da Faculdade de Letras e do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Professor Emérito da UFC. Dirigiu, por um ano e meio, o Centro de Estudos Brasileiros, na Argentina, e foi professor palestrante na Universidade de Colônia, na Alemanha. Como professor convidado, visitou as Universidades de Sorbonne (França) e Oxford (Inglaterra).

Poeta, ensaísta e contista, é autor de 46 títulos, com os quais obteve 31 prêmios literários no Ceará, em Brasília, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre os prêmios destacam-se: o Rio de Literatura; Olavo Bilac e José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras; Cecília Meireles, da Academia de Letras de Brasília; Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo; Prêmio Nestlé de Literatura; e Prêmio Camões, da Casa de Portugal. Recebeu as seguintes honrarias: Cidadão de Fortaleza, Doutor Honoris Causa da Universidade do Vale do Acaraú, o Troféu Sereia do Ouro, 1987; as Medalhas João Ribeiro, da ABL; Justiniano de Serpa e José de Alencar, do governo do estado do Ceará; e da Câmara Municipal de Fortaleza. Principais obras poéticas: *Canção da rosa dos ventos*, 1969; *O viajante da solidão*, 1969; *Inventário da tarde*; 1983; *Canto de amor ao Ceará*, 1985; *Noturnos de Mucuripe e poemas de êxtase e de abismo*, 1ª ed. 1992 e 2ª ed. 1996; *Elegia setentã e outros poemas de entardecer*, 1996; *Escadarias na aurora*, 1997; *A noite em Babilônia e outros relatos ao eterno*, 1998; *Poemas de amor a Fortaleza*, 2000; e *Cantares de outono ou os navios regressando às ilhas*, 2004. Pertenceu ao Grupo Clá, do qual foi fundador. Em 1985, foi eleito, por todas as instituições culturais do estado, Príncipe dos Poetas Cearenses.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 13 de novembro de 1957, ocasião em que foi saudado pelo acadêmico Braga Montenegro. Ocupa a vaga deixada por Tomás Pompeu Filho, cadeira 40, cujo patrono é Visconde de Sabóia. Foi presidente do sodalício no período de 1993 a 2004 quando deu um grande impulso nas suas atividades culturais. É membro da Academia Cearense de Língua Portuguesa, da Academia Cearense de Retórica, da Associação Brasileira de Bibliófilos e da Academia de Ciências Sociais do Ceará. Presidente de honra da Academia Cearense de Letras, da Academia Fortalezense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste – Secção do Ceará.

### INFORME SOBRE AS ÚLTIMAS OCORRÊNCIAS EM BABYLÔNIA

*Meia-noite em Babilônia.*  
*E todos, temerosos, com insônia,*



*comem os grãos de sua solidão.  
Áspero e longo é o verão.  
A vida, antes venturosa,  
torna-se inditosa.  
O amor tenta recompor  
antigos gestos de esplendor.  
E não temos para onde fugir.  
Desaparece, aos poucos, o nosso vão sorrir.  
Pesadelos nos multidesinventam,  
mas os últimos sonhos nos realimentam.*

*Enquanto isso, os maus  
conduzem, em triunfo, as naves do caos.  
As amizades perecem.  
Os seres e cousas escurecem.  
E ouve-se, bem perto, entre estranhos rumores,  
o teclar incessante dos Computadores.*

## RECOMPENSA

*Oh, quem nunca sentiu do amor o gosto  
Nem se feriu de êxtase e de espera  
E teve a vida presa numa esfera  
E fria solidão trouxe em seu rosto!*

*Quem nunca ao sol da Amada esteve exposto,  
Outros sóis a buscar, se tal houvera,  
Nem sonhos viu (arco-íris ou quimera)  
A renascer das cinzas do desgosto.*

*Por certo não viveu em plenitude,  
Naquela ânsia que, se um dia ilude,  
Antes, nas almas, põe o seu poder.*

*E só quem ama sabe que a presença  
De uma forte paixão é recompensa  
A trazer-nos a glória de viver.*



TEU MOMENTO

*Foste réstia de luz. Chegaste leve  
Iluminando tudo em meu caminho.  
Não falamos de amor. Devagarinho  
Ele mostrou-se alvo como a neve.*

*Espero que esse amor não seja breve.  
Teus pequeninos passos adivinho.  
Vivo contigo em mim. És como o vinho.  
És o verso final que a vida escreve.*

*Será certo te amar, será loucura?  
A pobre alma, tonta, está segura  
De que te cansarás e irás embora.*

*Sinto, contudo: é belo este momento!  
Faço no sonho um vasto acampamento  
E colho em minha tarde a tua aurora.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR E A ESCRITORA REGINA PAMPLONA FIÚZA.